

NÃO HÁ OUTRO JEITO... FELIZMENTE.



Por Reynaldo Bessa

“Devo escrever quantas palavras por dia? Tenho que escrever todo dia? Tenho que ler tudo?” Estas são algumas das perguntas mais frequentes em minhas Oficinas de Escrita Criativa que ministro em diversas Bibliotecas de São Paulo. Bom, César Aira, um escritor argentino, diz que escrevendo quinze minutos – nem mais, nem menos – todos os dias, em três meses o escritor terá o seu livro. Saramago não passava de duas páginas por dia. Todos os dias. Balzac escrevia o máximo de palavras na maior velocidade possível. Todos os dias – os credores estavam sempre em seu pé – precisava correr. Cada escritor com sua mania. E quanto mais manias, melhor. Raimundo Carrero diz que “de escritor bonzinho não sai Romance bom”. O que posso dizer é que escrevo todos os dias, e... – “Ah, prof. isso é muito chato... não? Todos os dias? Parece escravidão”. Ela – lânguida e linda, com suas tranças de ouro – interrompe-me. Eu – docemente cruel – digo-lhe: “se pensa assim, “Rapunzel”, nem comece a escrever”. Escrever é antes de tudo prazer. O resto é bobagem de quem ainda não entendeu a coisa. Escrevo sim, todos os dias... Que seja uma ou duas frases, um parágrafo, três páginas, não importa, escrevo. Jogo a maior parte fora, é certo, mas se sobrar àquela frase, aquela ideia, aquele tema, aquele personagem, já valeu. Ler tudo? Ora, “tudo” é exagero, não? Há livros demais e tempo de menos. Além do que a maior parte dos livros é descartável. Na verdade nem deveria ter sido escrita. Não fede nem cheira. O bom livro nunca termina. O livro ruim nunca começa. Ler “tudo” é relativo. “Tudo” o quê? Crie sua própria rota. Comece por um grande autor, por um grande livro. Um autor de primeira grandeza jamais indicará um de quinta. Seja um viajante literário. Desembarque na Irlanda e depois compre passagem para a Rússia e vice-versa, lá e cá, depois siga viagem. Foi lendo Philip Roth que cheguei até Saul Bellow e este me jogou nas mãos de outros “malucos”. E fui, e continuei indo e ainda estou na estrada, e penso que morri nela. Leia os clássicos. Por quê? Porque é sabido que é melhor do que não lê-los. E porque boa parte de toda a Literatura está povoada de muitos deles. Leia-os também para saber o que já foi genialmente escrito pra depois não achar que tá escrevendo algo novo. Leia. Um livro fechado é um livro morto. Um grito amordaçado. A leitura traz a intimidade com a língua, a efervescência das ideias, a fluência da escrita.

Quando a sala parece estar fazendo parte daquilo que estou falando e, “Rapunzel” – mordendo a tampa da caneta, e rodopiando uma de suas tranças de ouro entre dois dedinhos feiços – parece perdida em mundos labirínticos, aproveito e pergunto-lhes: estou mesmo falando com escritores? Então sentem e escrevam. Querem mesmo escrever um livro? Então sentem e escrevam. Escritor que fica esperando as contas serem pagas, os filhos terminarem a faculdade, o pai ou a mãe morrer, o tio sair do hospital, terminar a reforma da casa, a viagem a Paris (que há muito tempo já não é mais uma festa), o grande amor da vida, a alma gêmea – na verdade

a alma geme -, uma grande história, ou até mesmo a inspiração, nunca escreverá o seu livro. Sente e escreva. Sinta e escreva. Se não o fizer, todas as páginas, capítulos, parágrafos, personagens, lugares, ações, espaços, cenários, diálogos, e tudo mais ficarão boiando em sua cabeça até que os vermes escreverão por você. Não tem saída. Escrevam. Mantenham a imaginação solta, mas tentem criar uma disciplina. (vivemos o momento em que o escritor quer autografar o seu livro sem nem ainda tê-lo escrito?). John Le Carré disse que “depois de escrever por mais de cinquenta anos, sabia exatamente os instrumentos de sua orquestra, e que podia ir muito mais rápido, chegar muito mais direto ao personagem”. Escrevam. Criem o seu ambiente, o seu lugar de escritor. Claro que parágrafos, personagens, temas, trechos me pegam no metrô, no ônibus, no trânsito, em qualquer lugar... E principalmente sob o chuveiro, exatamente no momento em que me encontro com a cabeça tomada de espuma. Mas aí já estou escrevendo, e depois, no meu lugarzinho, na minha “Casamata”, passo para o computador. Neste, escrevo “tudo” que foi concebido antes... E o que eu achava que era aquilo, virou isso, isto e aquilo outro. Aí é que tá o grande barato. Jogo tudo no papel como numa cuspidinha, num jorro. Deixo o Word vermelhinho de vergonha. Não julgo, não volto, não reviso, não paro, sigo sem olhar pra trás. O importante pra mim nesse momento é a coisa que quer sair, o miolo do pão, a Madeleine, o cheiro da mochila do antropólogo e filósofo francês apaixonado por São Paulo. Depois, aparentemente satisfeito, viro as costas para o texto como um homem que é louco por uma mulher, mas que espera que ela o implore para ficar. Viro as costas e me vou. Vou pagar minhas contas, tomar o meu vinho, fumar minhas cigarrilhas, fazer amor, conversar com os amigos. Vou chafurdar em outro lugar. Vez em quando penso no texto. Até que num dado momento resolvo encarar-lo. Faço um café, e com o martelo e cinzel do escritor, enfim, dedico-me à peça. Lá está ela. Sufocada, pedindo pra existir. Está cheia de arestas. E aí vou cortando ali, cortando acolá, raspando acolá, quebrando ali. Ainda terei que lixá-la. Talvez cortar um pouco mais e mais. Depois leio diversas vezes. Corto mais um pouco. Releio. Corto de novo. Até que sinto que ele quer que eu me retire, que o abandone. Até que percebo que ele já não mais depende de mim. Até que começo a ter a impressão de que o texto não é mais meu. Está acabado? É o momento. É o fim pra começar o começo. Ufa! Esse é o meu jeito. É assim que sei e gosto de fazer. Essa é minha Escrita: uma delícia doída, doída.

Digo-lhes ainda: achem seu próprio método, seu jeito. Descubram como e onde gostam de escrever. Geralmente um método de um determinado escritor não casa com o método de outro. Mais ou menos como tentar vestir a luva da mão esquerda na mão direita. Assim ou assado, não importa, mas uma coisa é certa, terá que escrever. E só você poderá fazer isso. É como ir ao banheiro. Não dá pra mandar outro em seu lugar. Fuce, pesquise, pergunte, leia, leia.. Escreva. Na ausência de lápis e papel, Sade escreveu em seu próprio corpo, com seu próprio sangue. - tá, é radical, não precisa tanto, mas é por aí - Hemingway apesar de todo conforto escrevia em pé. Bukowski escrevia tomando umas, ouvindo Mozart e fumando sem parar. Depois saía pra dar alguns socos em alguém... hehehe. É isso. De novo e de novo, escreva, escreva.

Mas saiba também: nem só de tinta de impressão vive o homem. Viva, viaje, ame, faça amor... Um cirurgião não sai por aí o dia todo cortando todo mundo com o bisturi. Viver também ajuda a limpar os óculos da sua visão de mundo. Enriqueça-a fazendo outras coisas.

Gilbert K. Chesterton afirma que (...) todo o pensamento que não se torna palavra é um mau pensamento, toda palavra que não se torna ato é uma palavra ruim, todo o ato que não dá fruto é uma ação má (...). Há quem discorde, mas cabe muito bem aqui. Então, escreva e escreva, todos os dias, não há outro jeito. Felizmente.

“Rapunzel” dá um sorriso iluminado, mira o papel, espera alguns segundos, e muito animada põe-se a escrever.

REYNALDO BESSA (SÃO PAULO/RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e músico. É autor de vários livros e discos. Entre os livros destaque para Outros Barulhos (Poemas, Prêmio Jabuti em 2009) e entre os discos destaque para O Som da Cabeça do Elefante.